

**Pierre  
Fatumbi  
Vergé**

**Org. Angela Lühning**

# **IORUBAHIA**

**Escritos raros sobre a cultura iorubá e  
as relações entre Brasil e golfo do Benim**







O Instituto Çarê nasce da ideia de que não é possível criar novas perspectivas para um país sem conhecer a fundo sua história. No Brasil, o acesso à história da produção cultural, em especial, é truncado pela ausência de políticas que afirmem nosso patrimônio material e imaterial como bem comum, e fomentem a organização, a manutenção e a extroversão de acervos públicos e privados.

A criação do Çarê, em 2019, foi precedida por ações voltadas à incorporação de acervos fundamentais para a cultura brasileira. Desde o início, elas buscavam mais do que garantir que esses conteúdos não se perdessem. Tinham, em última instância, o sentido de torná-los acessíveis à população em geral.

Seguindo-se à obra musical de Antonio Madureira e de Heraldo do Monte, e às coleções do jornalista Zuza Homem de Mello e da pesquisadora Marlui Miranda, o fundo da editora soteropolitana Corrupio, constituído pelo Çarê em 2023, é rico em conteúdos que nos ajudam a celebrar a presença negra na formação da nossa cultura e a elucidar as relações históricas que fundam nossas desigualdades, tocando, assim, em um problema que é chave para o Brasil.

A Corrupio é fruto do gesto visionário de um grupo de mulheres, tendo à frente a fotógrafa Arlete Soares. Foi criada no fim dos anos 1970 para publicar as pesquisas pioneiras de Pierre Fatumbi Verger sobre a cultura afro-brasileira. Nas décadas seguintes, teria papel fundamental na valorização

dos estudos sobre o negro no Brasil, com um catálogo que valorizava o olhar antropológico e fotográfico, afirmando a Bahia como lugar privilegiado de emanção desse pensamento.

*Iorubahia* é o primeiro resultado editorial do processamento do acervo da Corrupio, ainda em curso. Foi desenvolvido em parceria com a Fundação Pierre Verger e em sintonia com sua diretora, a pesquisadora Angela Lühning, que cuida do legado do antropólogo com zelo e conhecimento minucioso. O livro reúne uma pequena coleção de manuscritos produzidos nos anos em que Verger viveu entre Salvador e a Nigéria, nas décadas de 1960 e 1970. Nesse período, debruçou-se sobre os principais arquivos coloniais europeus e brasileiros, foi pesquisador associado da Universidade de Ibadan e professor visitante da Universidade de Ilê-Ifé. Doutor em estudos africanos pela Escola de Altos Estudos, em Paris, percorreu cidades e vilas do interior do país iorubá para presenciar rituais e coletar e gravar relatos orais de babalaôs.

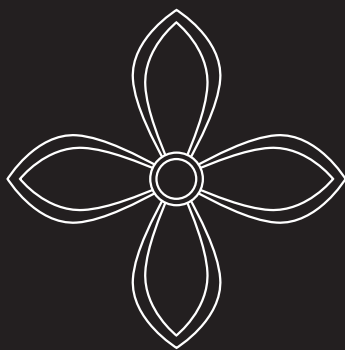
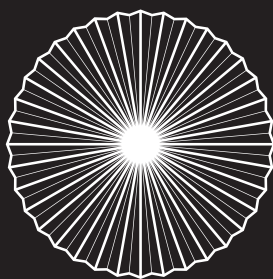
Atestando a diversidade da pesquisa e a amplitude da curiosidade de Verger, os textos tratam, entre outros temas, de oralidade, da religião dos orixás, de possessão, de plantas litúrgicas, de relações comerciais atlânticas e do retorno de ex-escravizados brasileiros à África. Juntos, compõem um mosaico que revela a riqueza faiscante da cultura iorubá, à qual tanto devemos, mesmo considerando que o número de pessoas embarcadas à força nas atuais Nigéria e Benim foi menor que o de escravizados de origem bantu, trazidos de Angola e do Congo para o Rio de Janeiro, sobretudo nas primeiras décadas do século 19.

Recentemente, a Organização das Nações Unidas reconheceu que o tráfico atlântico de africanos constituiu o crime mais grave da história da humanidade, reacendendo as discussões em torno da necessidade de reparação por parte dos países escravizadores. Enquanto o debate evolui, esperamos que os ensaios reunidos em *Iorubahia* ajudem a iluminar a opacidade de nossa compreensão do continente africano, confrontando-nos com a extensão daquilo que não sabemos sobre suas culturas múltiplas e ancestrais.

Revisitar os escritos deixados por Pierre Fatumbi Verger torna-se uma tarefa ainda mais instigante à luz das atualizações e ponderações de Tiganá Santana, cujas contribuições, em forma de posfácio, iluminam temas e problemas que permanecem atuais.

*Instituto Çarê*







# SUMÁRIO

10 • INTRODUÇÃO

16 • MAPA

18 • NOTA DO REVISOR

## PARTE 1

### **Aspectos históricos das relações transatlânticas**

24 • Introdução

28 • O fumo da Bahia e o tráfico de escravizados no golfo do Benim

53 • Relações comerciais e culturais entre o Brasil e o golfo do Benim

87 • O retorno dos “brasileiros” ao golfo do Benim no século 19

## PARTE 2

### **Religião iorubá: fundamentos e diáspora**

116 • Introdução

122 • Influências iorubá em Cuba e no Brasil

138 • Estados de transe no culto aos orixás

153 • Transe e convenção na mediunidade espiritual nagô-iorubá

173 • As religiões tradicionais africanas são compatíveis com as atuais formas de existência?

194 • Da importância da diáspora negra para o Novo Mundo e seus efeitos na África

## PARTE 3

### **Cultura, conhecimento e oralidade iorubá**

204 • Introdução

209 • O sistema de divinação Ifá

217 • Plantas litúrgicas e cultos de possessão

236 • A noção de pessoa e linhagem familiar

248 • Automatismo verbal e comunicação do saber

304 • POSFÁCIO

309 • REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

317 • CRÉDITOS

INTRODUÇÃO

# Um pesquisador em movimento

Angela Lühning

IORUBAHIA

A proposta deste livro é apresentar textos inéditos ou pouco conhecidos de Pierre Fatumbi Verger (Paris, 1902 – Salvador, 1996), que abordam a cultura iorubá e as relações entre o Brasil e o golfo do Benim sob ângulos e ênfases diversos. Pesquisador multifacetado, Verger ainda é visto no Brasil sobretudo como um fotógrafo da cultura afro-brasileira, ou o autor de livros emblemáticos sobre esta temática, como *Orixás. Os deuses iorubás na África e no Novo Mundo* e *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benim e a Bahia de Todos os Santos, dos séculos XVII a XIX*.<sup>1</sup>

Verger iniciou sua trajetória profissional nos anos 1930, como fotógrafo viajante, deslocando-se entre todos os continentes e tornando-se bastante conhecido. Só posteriormente enveredou pela pesquisa documental e de campo nas áreas de antropologia, história, conhecimentos orais e botânica, atividade que embasa a produção reunida aqui. A partir de sua chegada no Brasil, em 1946, fixou residência em Salvador, ainda que continuasse seguindo sua vida itinerante, com inúmeras viagens, em especial à África

---

<sup>1</sup> *Orixás*, que começou a tornar o autor mais conhecido no país, foi publicado em 1981, pela editora Corrupio, de Salvador. O primeiro livro de Verger em português, *Retratos da Bahia*, havia saído um ano antes, pela mesma casa. Em 1987, a Corrupio lançou a primeira edição brasileira de *Fluxo e refluxo*, reeditado pela Companhia das Letras em 2021.

Ocidental, que conheceu quase por acaso, de forma mais profunda, a partir de sua atuação profissional no Brasil.

Na capital baiana, trabalhou inicialmente como repórter fotográfico para a revista *O Cruzeiro*. Vinculado à sucursal da publicação na cidade, cobria assuntos ligados à cultura popular do Nordeste brasileiro. Mas seu interesse rapidamente se ampliou para questões históricas, artísticas e religiosas, sobretudo as tradições religiosas de matriz africana, tema à época ainda muito pouco abordado e compreendido.

Os textos reunidos neste livro representam, em sua maior parte, o período dos anos 1960 e 1970. Tratando de temáticas diversas, estão interligados por um grande elo: o profundo interesse de Verger pela cultura iorubá, tanto na Nigéria e no Benim quanto nos contextos diaspóricos, em especial a Bahia e Cuba, incluindo-se aí a dimensão histórica das relações transatlânticas. De alguma forma, são textos que acompanham também o mergulho que Verger fez nesta cultura ao longo de sua vida pessoal, tendo sido iniciado, em diferentes momentos temporais, em seus contextos rituais específicos.<sup>2</sup>

De naturezas diversas, parte desses textos foram pouco acessados até aqui. Alguns são inéditos, vários deles manuscritos. Alguns foram produzidos para palestras que Verger proferiu no período. Dessas, parte chegou a ser publicada em livros ou por revistas que circularam fora do *mainstream* acadêmico, décadas atrás.

A ideia deste livro surgiu da incorporação, pelo Instituto Çarê, de parte do acervo da editora Corrupio, criada em Salvador, em 1980, para publicar as obras de Verger, que até então haviam circulado majoritariamente fora do Brasil, sobretudo em países da África Ocidental. Em 2020, a editora encerrou suas atividades e se desfez de parte de sua coleção, incluindo vários materiais produzidos no período em que atuou em conjunto com Verger, entre 1980 e o início dos anos 1990, quando as duas partes encerraram sua colaboração. Ao receber esses conteúdos – manuscritos, livros, fotos –, gestores e coordenadores do Çarê e de seu selo editorial, Letra da

---

<sup>2</sup> Em março de 1953, Verger foi iniciado no Benim como babalaô, pessoa preparada para interpretar o Ifá, sistema de explicação do mundo da cultura iorubá. Na ocasião, recebeu o nome Fatumbi, que significa “renascido pelas graças de Ifá”. Passou então a dedicar-se ao estudo e à prática do Ifá. Em novembro do mesmo ano, recebeu, em Salvador, no terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, o título de Ojú Obá, “os olhos do rei”, cargo associado a Xangô. Ainda receberia outros cargos e títulos ao longo da vida.

Cidade, passaram a pensar em como tornar acessível parte do conjunto, em especial materiais inéditos.

O convite para organizar esse livro, que seria desenvolvido e editado em conjunto com a Fundação Pierre Verger, veio a seguir. O trabalho consistiria em escolher, a partir do espólio da Corrupio, um conjunto de textos que, revistos, pudessem fazer sentido como publicação. Para identificar os materiais, foi preciso recorrer a várias edições do currículo comentado de Verger, *Titre e Travaux* (títulos e trabalhos), no qual ele registrou, de forma meticulosa, sua produção intelectual. Em 1999, três anos após sua morte, uma primeira análise da obra reunida por ele na própria Fundação Pierre Verger catalogou, a partir desse currículo, 128 publicações, entre livros, capítulos de livros e artigos.<sup>3</sup> É um número considerável para alguém que se aproximou muito tardiamente do mundo acadêmico e manteve com ele uma relação bastante instável.

Os escritos recebidos pelo Instituto Çarê encontravam-se todos em formato físico. Eram manuscritos datilografados, às vezes com marcas de revisão, feitas ora pelo autor, ora por terceiros não identificados. Um trabalho à parte foi detectar a existência de variações dos textos, escritas durante seu processo de criação, e verificar se havia traduções ou versões publicadas, comparando-os, para tanto, a versões constantes do acervo da Fundação Pierre Verger. Constatamos que, em função da vida intensa de Verger no período, com deslocamentos e permanências em diferentes localidades e países, vários dos textos manuscritos, de fato, existiram em versões (e línguas) diferentes, por exemplo, em forma de falas apresentadas em congressos, das quais algumas foram posteriormente publicadas. Por outro lado, outros textos já haviam sido publicados, muitas vezes em veículos de difícil acesso hoje; Verger fazia, já à sua época, algo ainda raro: publicar em revistas e coletâneas fora do circuito acadêmico do Hemisfério Norte, em países da África Ocidental, onde residiu por muitos anos (em especial na Nigéria, entre o final dos anos 1950 e o final dos anos 1970, com intervalos pontuais).

Em razão dessa complexa atuação profissional e intelectual itinerante, há também sobreposições entre textos, resultado do trânsito de Verger entre

---

<sup>3</sup> Ver Angela Lühning, “Pierre Fatumbi Verger e sua obra. Uma homenagem”, 1999. Em pesquisa posterior, Jérôme Souty (2011) acrescentou resenhas e outros textos encontrados na França aos itens fisicamente presentes no acervo da Fundação Pierre Verger.

regiões geográficas, contextos culturais e sociais, e ouvintes ou leitores diferentes. Por vezes, ele apresentava um mesmo assunto, ou tema próximo, em formatos diversos, adaptados a lugares e situações diferentes. Por isso, foi preciso proceder a um cuidadoso cotejamento dos textos considerados para este livro que pudessem apresentar sobreposições temáticas ou semelhanças, para tentar identificar as versões mais interessantes ao público de hoje.

A partir da análise e do cotejamento dos originais disponíveis, consolidou-se o conjunto final dos textos, que inclui obras publicadas, mas dá ênfase aos inéditos ou pouco conhecidos. Esse corpo se organiza em torno de três eixos temáticos principais, compondo grupos de ensaios capazes de dialogar entre si. Reunidos no arranjo final que compõe este livro, eles representam, de alguma forma, faces relevantes da trajetória multitemática e multiespacial do pesquisador Pierre Fatumbi Verger, que ele manteve em processo de construção constante, além da carreira do fotógrafo já consagrado.

De antemão, deve ser ressaltado que a natureza dos textos, sejam manuscritos ou já publicados, define ou interfere em seu acabamento em relação a normas acadêmicas. Muitos estavam acompanhados de notas e das indicações bibliográficas necessárias; outros eram, aparentemente, textos em processo, ainda sem todos esses detalhamentos. Mesmo assim, alguns desses textos menos “acabados” foram incluídos nesta coletânea, no intuito adicional de mostrar como se dava o processo de trabalho de Verger ao longo de suas décadas de pesquisa e atuação no campo da história, da antropologia e da botânica, sempre voltadas à cultura iorubá e suas ricas tradições orais.

As três partes do livro são compostas, cada uma, por textos que tratam de um dos grandes temas que acompanharam Verger por décadas: a história das relações transatlânticas entre o Golfo do Benim e o Brasil; questões religiosas, analisadas a partir de observações de campo durante as vivências do pesquisador na Nigéria e no Benim; e temas próprios à cultura iorubá, incluindo conhecimentos e tradições pautados na oralidade e suas relações com aspectos linguísticos do iorubá. Em função das questões já apresentadas, há várias intersecções e algumas sobreposições entre os textos, seja no interior de cada parte do livro, seja no âmbito da publicação como um todo.

Os textos da primeira parte, “Aspectos históricos das relações transatlânticas”, dialogam de forma direta com o tema da tese de doutoramento de Verger, defendida em 1966 na École Pratique des Hautes Études (EPHE), em Paris, na modalidade de Terceiro Ciclo, ritual acadêmico que rendeu a ele,

aos 64 anos de idade, o título de doutor em estudos africanos.<sup>4</sup> Escritos para congressos em países variados no início dos anos 1960, e posteriormente publicados, eles apresentam alguns dos principais argumentos que sustentam sua tese. Lidos hoje, oferecem uma base para a compreensão das análises dos aspectos religiosos, rituais e linguísticos da cultura iorubá abordados nas seções subsequentes.

A parte 2, “Religião iorubá: fundamentos e diáspora”, é composta por textos datados do final dos anos 1950 e dos anos 1960, com uma única exceção, da década de 1980. Aborda questões relacionadas a aspectos da religião dos orixás, envolvendo discussões sobre a compreensão do fenômeno do transe religioso, ou *estado de santo*, como é chamado no contexto do Candomblé, no Brasil. Verger pensa também sobre o papel da religião dos orixás na Nigéria e no Brasil nos anos 1960. A maior parte dos textos dialoga com uma pesquisa que ele iniciou ainda nos anos 1950, e que transformou em seu primeiro livro de textos, *Notes sur le culte des orisa et vodun à Bahia, la Baie de Tous les Saints, au Brésil et à l'ancienne Côte des Esclaves en Afrique*, publicado em Dacar em 1957 e só em 1999 no Brasil.

A seção final, “Cultura, conhecimento e oralidade iorubá”, faz um mergulho mais profundo na cultura iorubá da Nigéria. Nesses textos, Verger esmiúça questões mais específicas da dimensão linguística dos conhecimentos transmitidos oralmente, apresentando suas relações com conhecimentos botânicos e o sistema de divinação de Ifá, questões interligadas. Este complexo temático apareceria em outra dimensão, muito mais ampla e aprofundada, na última obra publicada por Verger em vida: *Ewé. O uso das plantas na sociedade iorubá*, publicado originalmente em 1995 pela Companhia das Letras e republicado em 2025. Os textos que aparecem aqui datam dos últimos anos da década de 1960 e do início dos anos 1970, portanto, de muito antes da finalização de *Ewé*. Testemunham, assim, o início de um processo de trabalho que levaria Verger a um grande amadurecimento em relação a essas temáticas.

---

4 Para realizar a pesquisa que embasa a tese, Verger recebeu uma bolsa da EPHE, que viabilizou suas primeiras imersões em arquivos de Ibadan, Salvador, Paris, Londres e Lisboa, entre 1960 e 1962. Em 1962, aos 60 anos, ele ingressou no Centre national de la recherche scientifique (CNRS), em Paris, que só deixaria em 1972, ao atingir a idade-limite definida pela instituição para seus colaboradores. Atuava então como diretor de pesquisa. Nesse período no CNRS, Verger realizou boa parte das pesquisas que resultariam no livro *Ewé. O uso das plantas na sociedade iorubá* (1995).

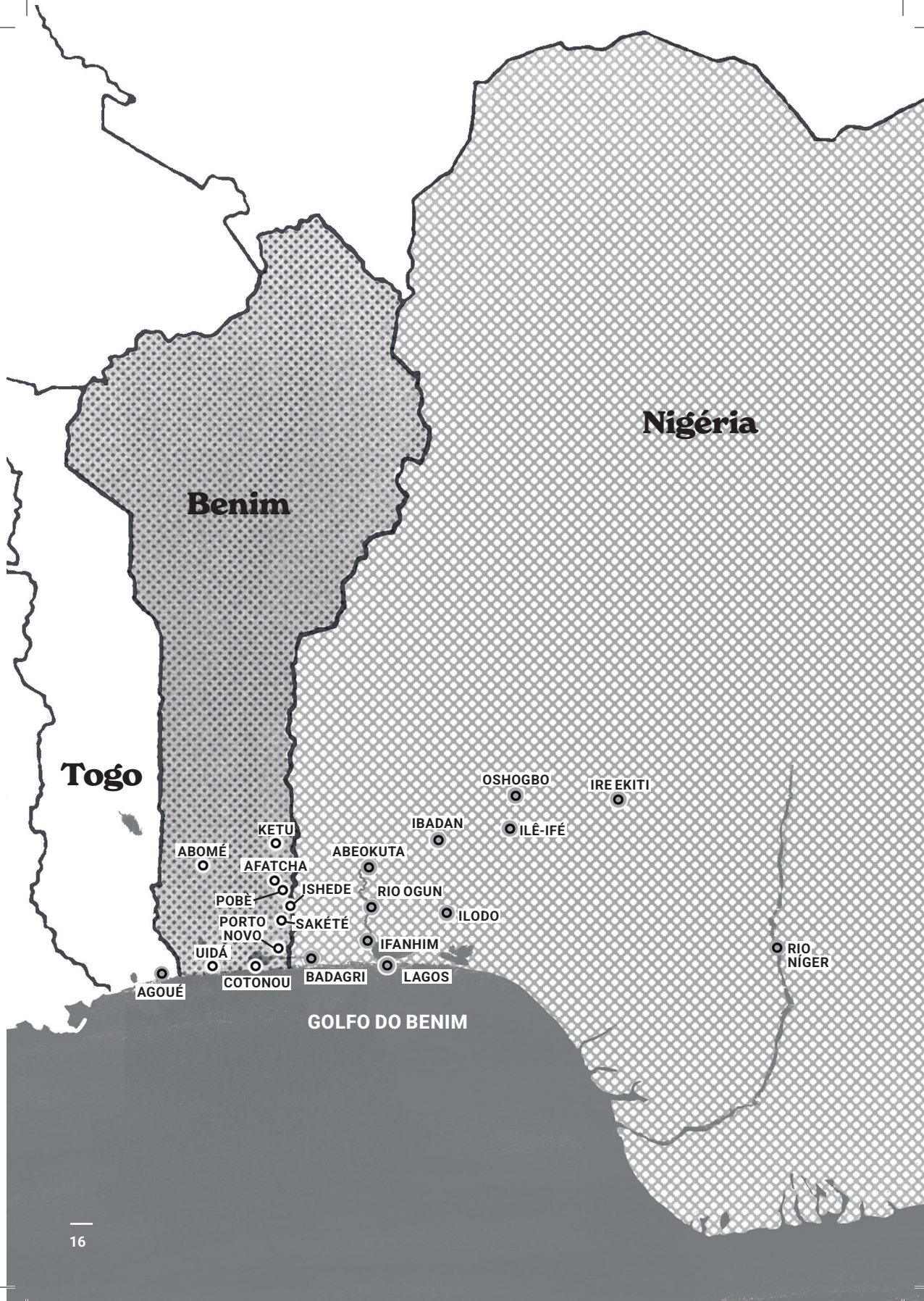


Para reforçar a organização dos segmentos temáticos, e permitir que eles sejam lidos de forma independente, cada uma das partes foi acrescida de uma breve introdução própria, que apresenta os textos que a compõem. A ideia é situar o leitor e convidá-lo a iniciar sua leitura pelo tema que lhe parece mais atraente. Os dois primeiros blocos prescindem de um percurso rígido de leitura; só os textos dos últimos blocos, mais especializados, funcionam melhor se lidos na ordem, e depois dos outros dois blocos.

Em relação às notas de rodapé e às referências bibliográficas citadas por Verger, é importante explicar as escolhas feitas nesta edição. As notas originais do autor foram mantidas e estão identificadas pela sigla N.A. (nota do autor). Notas sugeridas pelas tradutoras e pelo revisor, e que nos pareceram úteis, foram incorporadas e estão indicadas pelas siglas N.T. e N.R., respectivamente. As notas de rodapé que não estão identificadas, e que apoiam a leitura com explicações sobre terminologias, contextos específicos e personagens mencionados, são de minha autoria. Elas estão presentes sobretudo nos textos inéditos, que, em geral, precisaram de mais dados de contextualização.

Todas as indicações bibliográficas citadas por Verger foram mantidas e, sempre que possível, complementadas e/ou atualizadas em face das versões mais recentes de algumas obras, incluindo traduções brasileiras de textos antes só disponíveis em outras línguas. A lista completa de referências bibliográficas citadas pelo autor e pela organizadora, além dos arquivos consultados por Verger em suas pesquisas no Brasil, na Europa e na África, pode ser encontrada no final do livro.

**ANGELA LÜHNING** começou a trabalhar com Pierre Fatumbi Verger em 1988, momento da criação da Fundação Pierre Verger, em Salvador, e segue vinculada à instituição, como diretora e coordenadora do Espaço Cultural Pierre Verger. Realizou diversas pesquisas sobre Verger e sua atuação, que resultaram em uma série de artigos e outras publicações. Organizou os livros *Pierre Verger: repórter fotográfico* (2004) e *Verger-Bastide: Dimensões de uma amizade* (2002), ambos publicados pela Bertrand Brasil. É professora titular aposentada da Escola de Música da UFBA, tendo atuado na área de etnomusicologia da instituição de 1990 a 2025. Suas pesquisas abordam música, memória, história e oralidade na cultura afro-brasileira, além de experiências de educação social em bairros populares de Salvador.



**Togo**

**Benim**

**Nigéria**

**GOLFO DO BENIM**



## IORUBALÂNDIA

Designação que corresponde à região cultural desenhada pela presença iorubá na África Ocidental, a Iorubalândia se estende pela área florestal do golfo da Guiné, da margem leste do rio Ogum até a margem oeste do rio Níger, nas regiões onde estão os atuais Nigéria, Benim e Togo. Os iorubá criaram suas primeiras cidades no século 6; até o final do 18, organizavam-se em pequenos reinos independentes. Hoje, são o terceiro maior grupo étnico da Nigéria (20% da população), atrás de haussás (23%) e fulanis (22%), e há pequenos grupos vivendo no Benim e em Togo. Este mapa registra as cidades iorubá mencionadas por Verger nos textos a seguir nos atuais Nigéria e Benim. Tanto aqui como no corpo do texto, optamos pelas grafias brasileiras de seus nomes, sempre que havia uma, assim como fizemos com os nomes próprios e as palavras iorubá que ganharam versão brasileira.

